



# THE PORTUGUESE CANADIAN HISTORY PROJECT | PROJETO DE HISTÓRIA LUSO-CANADIANA

O Portuguese Canadian History Project | Projeto de História Luso Canadiana (PCHP) é uma organização comunitária, voluntária, sem fins lucrativos, fundada em 2008 com os seguintes objetivos:

1. Preservar a memória coletiva dos emigrantes portugueses e dos seus descendentes no Canadá.
2. Democratizar o acesso ao conhecimento histórico, tanto no seu consumo como na sua produção.

Enquanto estudantes de doutoramento a fazer pesquisa sobre a história dos portugueses no Canadá, deparamo-nos com uma escassez de registos documentais relacionados com este grupo de emigrantes nos arquivos públicos. Descobrimos também que vários indivíduos e organizações privadas recolheram coleções alargadas de espólio arquivístico refletindo a história das suas comunidades. No entanto, apesar dos seus esforços, estas coleções não se encontravam armazenadas nas melhores condições de preservação e estavam em vias de se perder. O PCHP surgiu em resposta a esta realidade e tem trabalhado para estabelecer uma ponte entre os arquivos públicos, a universidade e as comunidades locais. Desde 2009, ano em que começamos a nossa parceria com a Clara Thomas Archives & Special Collections, York University Libraries (CTASC), facilitamos a doação do espólio documental de indivíduos e organizações como Domingos Marques, Ilda Januário, David Higgs, Felipe Gomes, *Associação Democrática Portuguesa*, Portuguese Interagency Network, Canadian Auto Workers Local 40, Luso Learning Centre e Senso Magazine, que estarão disponíveis para gerações futuras nos arquivos públicos.

Acreditamos ainda que a historiografia, mesmo a que é produzida de "baixo para cima", continua a ser inacessível àqueles homens e mulheres "comuns" sobre quem esta pretende refletir. Com o apoio técnico e os recursos digitais da CTASC desenvolvemos uma série de iniciativas de história pública que oferecem recursos educacionais e de pesquisa ao público geral, que pode assim utilizá-los para aprender ou ensinar a história das migrações, das etnicidades, do trabalho, dos géneros, dos movimentos políticos e sociais, dos media, entre outros temas relacionados com a história das comunidades portuguesas de Toronto e do Canadá. Uma dessas iniciativas é a nossa página da internet, onde hospedamos várias exposições digitais com uma parcela dos documentos por nós já recolhidos e digitalizados, juntamente com entrevistas a agentes históricos da comunidades, e textos aos quais trazemos o nosso conhecimento como historiadores sociais e culturais e como sociólogos especializados em tópicos portugueses e canadianos.

Para mais informação, veja o nosso blog: <http://archives.library.yorku.ca/pchp/>

Página de exposições virtuais: <http://archives.library.yorku.ca/exhibits/show/pchp>

Espólio do PCHP no repositório digital da York University (YorkSpace): <http://yorkspace.library.yorku.ca/xmlui/discover>

# OS PORTUGUESES EM TORONTO, 1953-2013: 60 ANOS DA EMIGRAÇÃO PORTUGUESA PARA O CANADÁ

Ao contrário da noção popular, a história não é uma série de factos e datas relacionados em cadeia, nem o passado é uma dimensão finita, passível de ser entendida na sua totalidade. Sem dúvida, existem factos e datas definitivas, mas as "verdades históricas" que estes representam variam conforme as perguntas que se lhe colocam e a narrativa que se pretende com estes construir. Todas as datas históricas são em parte arbitrárias, especialmente as que envolvem comemorações oficiais. Porque se comemoram os 60 anos da emigração portuguesa para o Canadá no dia 13 de Maio de 2013? Já se encontravam no país centenas de portugueses antes dos 69 emigrantes a bordo do *Saturnia* desembarcarem no porto de Halifax em 1953. Aliás, o contingente de '53 foi em grande parte possível devido às experiências positivas de umas poucas dezenas de emigrantes que haviam chegado ao Canadá alguns anos antes e que serviram de exemplo para as autoridades canadianas do que se podia esperar dos trabalhadores portugueses. Outras narrativas vão ainda mais atrás no tempo e relacionam simbolicamente as comunidades luso-canadianas modernas aos poucos portugueses residentes na Nova França e na Bretanha Norte Americana no século XVII (como o famoso Pedro da Silva) e que serviram de auxiliares aos povos colonizadores que fundaram o Canadá. Ainda outros estabelecem uma genealogia espiritual entre os emigrantes e os irmãos Corte-Real, exploradores portugueses do século XVI, que terão chegado à Terra Nova e a Labrador antes das nações europeias que vieram a colonizar a América do Norte. Ambas as narrativas dedicam-se a criar uma mitologia portuguesa na memória nacionalista dos ingleses e franceses de forma a sacudirem o estigma de "forasteiro" ou "convidado" associado às minorias étnicas no Canadá; por defeito, estas acabam também por fortalecer a narrativa imperialista do Canadá que marginaliza os povos indígenas.

Existem boas razões para comemorar 1953 como a data oficial do início da emigração portuguesa para o Canadá. Nesse ano chegaram aos portos do país os primeiros 180 trabalhadores vindos da Madeira, do continente e dos Açores, sob o acordo de migração laboral assinado entre o governo canadiano e português. Esta importação de trabalhadores manuais direcionados ao trabalho agrícola e à construção de caminhos-de-ferro foi-se concentrando ao longo dos anos a escoar as populações excedentárias dos Açores e alargando o seu volume anual até ao final da década, altura em que o governo canadiano mudou de política. Os milhares de trabalhadores que vieram para o Canadá através deste movimento formaram uma massa crítica que passou a gerar a sua própria lógica migratória à margem dos acordos oficiais, mesmo depois do governo canadiano iniciar esforços para conter a chegada de mais sul-europeus. As pequenas concentrações de portugueses espalhadas pelo país foram crescendo à volta dos primeiros emigrantes que aí se instalaram em busca de emprego, aumentando rapidamente durante os anos 60 à medida que cada contingente de recém-chegados enviava cartas de chamada aos familiares e amigos da terra.

Mas existiram outros movimentos paralelos que também foram instrumentais para a expansão das comunidades portuguesas para o Canadá, como foi o caso de Manuel Cabral: luso-americano de Massachusetts, que nos anos 50 fundou empresas na área de Galt, Ontário, que atraíram milhares de portugueses para aquela região da província; ou o grupo significativo de Portugueses que reemigraram da Venezuela e de outras partes do mundo ao longo da década de 50, muitos deles recebendo já a geração de '53; ou as 150 famílias de refugiados da Ilha do Faial, devastada pela erupção do vulcão dos Capelinhos em 1958; ou o número notável, embora desconhecido, de pescadores da "frota branca" do bacalhau que abandonaram os seus navios na Terra Nova e foram-se instalando em várias partes do país ao longo dos anos; ou a enorme quantidade de imigrantes clandestinos que começaram a chegar em grande número assim que os "visitantes" deixaram de precisar de visto em 1963 e que ganhou proporções dramáticas para o governo do Canadá nos anos 80; ou ainda os refugiados das ex-colónias portuguesas em África que reemigraram para o Canadá após a queda do império em 1975. Todos estes movimentos contribuiram para criar ou reforçar as comunidades portuguesas no Canadá e merecem a devida atenção.

Os aniversários da emigração portuguesa ao longo dos anos têm-se limitado a recordar os sacrifícios e sucessos dos "pioneiros" da década de 50. Sendo que a maioria dos portugueses chegados nessa década eram homens (embora também tivessem vindo mulheres e crianças), esse enfoque tem oferecido uma narrativa demasiado masculina da emigração portuguesa para o Canadá, o que apesar de ser uma parte fundamental dessa história, não é a sua totalidade. As comunidades portuguesas no Canadá contam já com seis décadas de história e compreendem três gerações de canadianos. Independentemente da afinidade que os luso-descendentes possam nutrir pela cultura dos seus antepassados ou pelos valores que essa supostamente comporta, o seu passado imigrante determinou, e com certeza continuará a influenciar, as suas experiências individuais e familiares. Esta história também lhes pertence. No entanto, as experiências dos luso-descendentes são altamente complexas, especialmente do ponto de vista das suas diversas identidades. Muitas vezes estes não se revêm na narrativa tradicional das comemorações da emigração portuguesa, ainda demasiado focadas na despedida, nas primeiras impressões, e no engenho dos "pioneiros". Qualquer história da emigração portuguesa para o Canadá seria incompleta sem essas origens decisivas, mas muito mais história há para contar, com personagens, eventos, e movimentos igualmente determinantes.

Este ano a responsabilidade por um dos eventos associados às comemorações deste aniversário foi dada ao Portuguese Canadian History Project | Projeto de História Luso-Canadiana (PCHP) pelo Cônsul-Geral de Portugal em Toronto, Dr. Júlio Vilela, que nos convidou a criar uma exposição de fotografias históricas para este efeito. A exposição "Os Portugueses em Toronto, 1953-2013", composta de 20 fotografias e outros materiais, foca a história social desta comunidade. Estará patente na City Hall de Toronto durante os dias 13 a 19 de Maio, e mais tarde irá viajar até diferentes partes do Ontário. Parte das fotografias utilizadas nesta exposição provêm das coleções da CTASC (*Canadian Auto Workers Local 40*, David Higgs, Domingos Marques, *Toronto Telegram*) e dos *Archives of Ontario (Multicultural History Society of Ontario)*. Outras foram selecionadas a partir das coleções da Casa dos Açores, Casa do Alentejo, Casa São Cristóvão, Frank Alvarez, Gilberto Prioste e Sérgio Garcia, que aceitaram o nosso convite em participar na organização desta exposição. Para além do consulado-geral de Toronto e da *York University*, a exposição conta ainda com apoio institucional da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, Instituto Camões, Festival Português TV/ CIRV Radio fm 88.9 e CHIN Radio fm 100.7.

Porque comemoramos então 1953? A resposta mais fácil é porque é essa a data à qual podemos traçar com confiança a origem das comunidades portuguesas no Canadá. Não tão fácil mas talvez mais satisfatória, porque a data não é o mais importante mas sim a oportunidade que esta proporciona para refletirmos sobre a história a ela indexada. É uma dessas comunidades que pretendemos focar nesta exposição, com a sua diversidade, as suas fronteiras movediças e as suas relações nem sempre pacíficas mas todavia determinantes. Reconhecendo ser impossível incluir todo o tipo de vivências coletivas da comunidade em 20 fotografias, esforçamo-nos ainda assim para ser o mais representativos possível e sermos justos na nossa avaliação histórica.\*

\*Adaptado de um artigo de Gilberto Fernandes publicado no jornal Milénio-Stadium, Toronto, 29 de Março, 2013: pg. 6-7.

I. AS IRMÃS PEREIRA EM FRENTE DA NOVA CASA DA FAMÍLIA.  
FOTO POR CARLOS PEREIRA, 1957.



Maria Teresa e Maria Leonor Pereira (na fotografia) chegaram ao Canadá em 1956 com sua mãe, Odília Pereira, e duas irmãs mais novas. Aí elas juntaram-se a seu pai, Carlos Pereira, um dos emigrantes a bordo do *Saturnia* que chegara a Halifax no dia 13 de maio de 1953. Depois de trabalhar numa quinta perto de Ottawa, Ontário; de construir caminhos de ferro em Sept-Îles, Quebec; de pintar hangares de aviões em Goose Bay, Terra Nova; Carlos finalmente deslocou-se para Toronto em abril de 1955 onde encontrou emprego numa fábrica de construção de camas. Em dezembro desse ano comprou a sua primeira casa no Canadá, no 110 Lisgar St., chamando de seguida a família que deixara em Portugal para se juntar a si. Chegadas a Toronto, Odília empregou-se numa fábrica de têxteis, enquanto que Teresa e Leonor encontraram trabalho num banco. A nova casa tornou-se entretanto num ponto de referência para muitos recém-chegados de Portugal, que vinham com a morada dos Pereiras como destino oficial; morada essa dada sem a autorização da família por um agente desconhecido em Lisboa. Em todo o caso, os Pereiras ajudaram estes recém-chegados a encontrar emprego e acolheram-nos naquela que se tornou uma das primeiras casas de acolhimento portuguesas em Toronto.

Em 1958, os Pereiras compraram uma quinta perto de Orangeville, mantendo a residência em Toronto; Odília e as suas duas filhas mais novas trabalhavam na quinta durante a semana, enquanto que Carlos e as duas filhas mais velhas visitavam de Toronto aos fins de semana. Os feijões cultivados na quinta dos Pereiras, juntamente com os enchidos e o pão que faziam, eram vendidos nas ruas de Toronto por Carlos a partir da traseira da sua carrinha; atividade esta que lhe conferiu a alcunha "o Rei dos Feijões". Em 1963 a família vendeu a quinta e abriu uma mercearia na Augusta Ave., em Kensington Market, chamada Pereira Supermarket.

Numa entrevista concedida a Domingos Marques durante a sua pesquisa para o livro *Os Imigrantes Portugueses: 25 Anos no Canadá* (1978), Carlos Pereira recordou: "Quando chegou aqui a minha família, que não havia cá raparigas nenhuma. Então quando ia havia festas, se não ia eu não havia festas. Era eu e as minhas quatro filhas, depois ainda levava mais uma ou duas vizinhas. Penso que devo ser um dos rapazes mais conhecidos na colónia."

York University Libraries, Clara Thomas Archives & Special Collections, Domingos Marques fonds, F0573.

2. "THE PORTUGUESE MOSQUITOES" NO FIRST PORTUGUESE CANADIAN CLUB FOTÓGRAFO DESCONHECIDO, 1950S.

A primeira associação comunitária Portuguesa a abrir portas em Toronto foi o *First Portuguese Canadian Club*, fundada em 23 de setembro de 1956 por um grupo de emigrantes do continente. Inicialmente localizada na Nassau St., em Kensington Market, o *First* mudou-se para várias moradas ao longo da sua história. Entre 1973 e 2007, o seu edifício no 722 College St. (onde é hoje a discoteca *Mod Club*) foi um dos maiores e mais concorridos recintos para atividades sociais na comunidade portuguesa, utilizado por várias associações para apresentar os seus eventos. Ao contrário de outras associações comunitárias, o *First* resistiu a cisões de ordem política ou de outro caráter facional e era frequentado por diversos segmentos da comunidade. Talvez isto deveu-se ao facto de se dedicar primeiramente às atividades desportivas, área em que o *First* alcançou algum sucesso, suportando equipas de futebol masculino e feminino, ciclismo, basquetebol e hóquei no gelo (esta última chegou a representar o Canadá num torneio realizado em Viseu em 2000). O *First* oferecia também vários programas recreativos, educacionais e informativos dedicados a apoiar diferentes segmentos da comunidade. Em maio de 1966 o clube chegou até a criar uma caixa de crédito para servir a comunidade portuguesa de Toronto.

As crianças e os jovens beneficiaram especialmente dos programas sociais e culturais do *First*. A atividade de maior sucesso foi a sua escola portuguesa, inaugurada em 1964, onde os jovens emigrantes aprendiam não só a língua dos seus pais mas também a história de Portugal. A escola, que funcionava aos sábados de manhã, respondia a uma forte procura dos pais emigrantes por aulas de português, grande parte dos quais mantinha o desejo de voltar a Portugal e queriam que os seus descendentes estivessem devidamente preparados para esse retorno. Com o apoio institucional do governo português, que a reconheceu oficialmente em 1968, a escola cresceu rapidamente. Entre 1972 e '78 a escola oferecia aulas que cobriam todo o currículo preparatório. No seu auge, em 1974, a escola portuguesa do *First* tinha 762 estudantes matrículados. Em 1981 expandiu-se, abrindo duas novas localizações em Scarborough, onde vários portugueses haviam começado a fixar-se.



A instrução musical era outra atividade popular oferecida aos jovens do *First*. Nesta foto, um grupo de jovens luso-canadianos posam com os seus instrumentos no que terá sido uma das primeiras bandas musicais na comunidade.

York University Libraries, Clara Thomas Archives & Special Collections, Domingos Marques fonds, F0573.

3. COMPRANDO MERCEARIAS EM KENSINGTON MARKET.  
FOTO POR PETER WARD, OUTUBRO 16, 1965.



Em grande parte dos casos, a emigração melhorou a posição das mulheres portuguesas no seio familiar e foi um passo importante em direção a uma maior emancipação individual. Em parte, este processo começou no momento em que os homens partiram para a América do Norte deixando as suas esposas e crianças em Portugal, por vezes levando anos até se juntarem novamente às suas famílias. Mas foi quando as mulheres se juntaram aos seus maridos no novo país que as novas dinâmicas familiares emergiram, criando alguma tensão. A estratégia económica da maioria dos emigrantes era acumular poupanças o mais rápido possível, tomando partido da mão de obra de todos os membros aptos no núcleo familiar, incluindo mulheres e crianças, que contribuiam com os seus rendimentos para pagar a casa, o carro e outras comodidades materiais próprias da vida canadiana. As condições de emprego encontradas pelo homens portugueses no Canadá, a maioria dos quais empregados em trabalhos sazonais fora de portas, em indústrias com elevadas taxas de acidentes e fatalidades no trabalho (como a construção civil), obrigavam que as mulheres procurassem por empregos consistentes fora de casa, normalmente em fábricas têxteis, em serviços de limpeza doméstica ou em edifícios de escritórios. Em vários casos as mulheres tornaram-se nas principais fontes de rendimento familiar, enquanto que os seus maridos, devido ao desemprego ou a invalidez, tornaram-se reponsáveis pelas tarefas domésticas e parentais tradicionalmente reservadas às mulheres. Apesar de não ser uma situação inteiramente nova para algumas mulheres portuguesas, que por vezes trabalhavam em pequenas oficinas artesanais no meio rural português, esta reconfiguração da economia familiar rompia com a norma patriarcal. Alguns homens sentiram-se seriamente lesados na sua masculinidade e na sua posição dominante dentro da família, acabando por se vingar nas suas esposas, aumentando assim os casos de violência doméstica - uma realidade infelizmente ainda demasiado comum no Canadá que vai para além de distinções de classe e etnia. Dito isto, na maioria dos casos, o trabalho doméstico e as tarefas parentais continuaram a ser consideradas responsabilidades femininas. Quando os homens encontraram trabalho mais bem remunerado e menos irregular, muitas das mulheres deixaram de trabalhar fora de casa; outras continuaram a fazê-lo mas eram obrigadas a conciliar o emprego com as tarefas domésticas com pouca ou nenhuma ajuda dos seus maridos e filhos.

As mulheres desempenharam outros papéis importantes durante os anos de formação da comunidade, como disseminadoras de informação sobre oportunidades de emprego, melhores sítios para fazer compras, notícias da comunidade, etc.; e como navegadoras da burocracia Canadiana. Ao longo dos anos, várias mulheres portuguesas, principalmente as de segunda-geração, empregaram-se em trabalho escriturário. Outras assumiram posições de relevo na comunidade como assistentes sociais, intérpretes e profissionais de saúde. As mulheres enriqueceram também a vida comunitária através da organização de eventos sociais direcionados à

família, e da preparação de comida para as atividades das associações comunitárias. Em décadas recentes, as mulheres portuguesas têm passado das cozinhas para os escritórios administrativos destas associações, assumindo posições de liderança em várias organizações sociais, culturais e profissionais na comunidade luso-canadiana. De salientar também é o facto das raparigas luso-canadianas terem ao longo dos anos tido um melhor desempenho escolar do que os rapazes, o que indica maior diversidade profissional entre as mulheres luso-descendentes.

York University Libraries, Clara Thomas Archives & Special Collections, Toronto Telegram fonds, F0433, ASC12871

4. PROTESTANTES ANTI-SALAZAR EM FRENTE DO CONSULADO PORTUGUÊS. FOTO POR REED, 1967.

O passeio em frente do Consulado de Portugal de Toronto, no antigo *Commerce & Transportation Building* (demolido em 1986) na Bay St. e Front St. West, foi palco de vários protestos organizados pelos opositores do regime ditatorial de António Salazar e Marcello Caetano - e ao seu império colonial. O protesto mais dramático ocorreu a 29 de janeiro de 1961, durante o mediático assalto ao paquete *Santa Maria* por rebeldes portugueses. Os "piratas libertadores", como estes eram apelidados pela imprensa canadiana, atraíram grande atenção dos media internacionais, focando a atenção do mundo durante cerca de duas semanas para a situação política vivida em Portugal. Nesse dia de inverno, centenas de emigrantes portugueses em campos políticos opostos bateram-se em frente do Consulado, dando origem a desacatos que resultaram em várias agressões físicas e um carro virado de rodas para o ar. Este episódio viria a ser o mais dramático de vários confrontos entre as fações pró- e anti-Estado Novo na história da comunidade e a primeira vez que grande parte dos residentes de Toronto souberam da presença dos portugueses na cidade.

Por detrás desta e de várias outras iniciativas anti-fascistas e anti-colonialistas realizadas por emigrantes portugueses em Toronto estava a Associação Democrática Portuguesa, fundada em 1959 por um grupo de exilados políticos e membros da oposição democrática. Uma das ações mais significativas da Associação foi a organização da Conferência Canadiana para Amnistia dos Presos Políticos em Portugal, que decorreu durante os dias 28 e 30 de outubro de 1966. Esta envolveu vários políticos, intelectuais e personalidades públicas da sociedade canadiana, inclusive Pierre Berton, Tommy Douglas e Northrop Frye. A conferência chamou a atenção para os aprisionamentos ilegais e tortura de dissidentes políticos em Portugal, muitos dos quais foram enviados para o campo de concentração do Tarrafal em Cabo Verde. Dessa conferência surgiu o Comité Canadiano para a Amnistia em Portugal. Alguns dos seus membros podem ser vistos nesta foto.



A Associação foi uma das organizações mais ativas politicamente na comunidade portuguesa de Toronto até a Revolução dos Cravos de 25 de abril de 1974 que derrubou o regime e pôs um fim no império

centenário. A seguir à revolução a Associação alterou o seu enfoque para as atividades educativas e culturais, convidando vários artistas e intelectuais de Portugal a visitarem a comunidade de Toronto, mantendo sempre a sua orientação marxista. A Associação fechou portas em 2007.

York University Libraries, Clara Thomas Archives & Special Collections, Toronto Telegram fonds, F0433, ASC08256.

##### 5. PROTESTANDO A VIOLÊNCIA CONTRA OS IMIGRANTES, NA NATHAN PHILLIPS SQUARE. FOTO POR JIM KENNEDY, MAIO 17, 1969.

Na manhã de 5 de maio de 1969, um detetive de Toronto matou o jovem emigrante português Ângelo Nóbrega durante uma operação de trânsito na Yonge St. e Albertus Ave., enquanto investigava um assalto numa sala de cinema. A explicação contraditória do incidente oferecida pelo detetive contrastou com a versão dos factos dada pelos dois irmãos Nóbrega que testemunharam o incidente. Este evento perturbou a comunidade portuguesa em Toronto que mobilizou-se em apoio aos pais de Ângelo; cerca de 300 pessoas assistiram ao funeral. Alguns dos líderes da comunidade reuniram-se na paróquia da Igreja Católica de *Mount Carmel* para organizarem uma resposta da comunidade ao que lhes pareceu ser um problema generalizado de discriminação policial contra os imigrantes em Toronto. Este comité organizou uma marcha silenciosa desde *Queen's Park* até à *City Hall* no dia 17 de maio, para a qual tentaram mobilizar todas as pessoas de Toronto, incluindo os representantes de outras comunidades imigrantes. Cerca de 500 pessoas participaram nesta marcha de protesto. Liderando o grupo estavam 15 crianças carregando uma faixa negra com a inscrição "Justiça Ignorada! Protestando a Violência". Os líderes da comunidade mais conservadores reprovaram a marcha, especialmente os associados com o influente padre português Alberto Cunha da Igreja Católica de *St. Mary's*. Em grande parte, a razão pela qual os conservadores hesitaram participar no comité organizador deveu-se a este ser composto por "anti-fascistas" da Associação Democrática Portuguesa, que incluía alguns comunistas entre os seus membros mais ativos.



O controverso inquérito à morte de Ângelo, que terminou em Junho de 1960, absolveu o detetive de qualquer má conduta. No entanto, o médico legista que trabalhou no caso foi suspenso e posto sob investigação por possíveis irregularidades. Esta decisão gerou grande frustração na comunidade, o que motivou alguns dos seus líderes a fundarem o Congresso Luso-Canadiano, a primeira organização centralizadora de várias associações, criada para representar os portugueses do Ontário em matéria de ordem política.

A resposta da comunidade à morte de Ângelo Nóbrega serviu como um precedente para o funeral e protesto mais alargado que se seguiram ao estupro e morte do jovem engraxador de sapatos ("shoeshine boy"), o açoreano Emanuel Jaques, em 1977. Em Agosto desse ano, cerca de 12,000 residentes de Toronto reuniram-se na *Nathan Phillips Square* e

exigiram aos governantes da cidade que "limpassem" a zona degradada da Yonge St. na baixa da cidade, na altura um centro para indústria do sexo.

Ângelo Nóbrega emigrou para o Canadá em 1959 vindo da Madeira, juntando-se a seu pai que chegara cinco anos antes. Ângelo e o seu irmão gémeo, José Nóbrega, trabalhavam numa fábrica de lingerie em Toronto.

York University Libraries, Clara Thomas Archives & Special Collections, Toronto Telegram fonds, F0433, ASC08235.

##### 6. PROCISSÃO DO SENHOR SANTO CRISTO. FOTO POR DAVE COOPER, MAIO, 1970.

A procissão do Senhor Santo Cristo dos Milagres, organizada pela Igreja de *St. Mary's* em Toronto, é uma das maiores cerimónias religiosas praticadas pelos portugueses dos Açores na América do Norte. A tradição remonta aos finais do século XVII quando uma estátua de madeira de *Ecce Homo* - o corpo torturado de Cristo com uma coroa de espinhos e uma manta roxa - começou a ser exposta em procissão pelas ruas decoradas de Ponta Delgada, em São Miguel, cinco semanas depois da Páscoa. No início do século XVIII, altura em que a ilha foi atingida por vários terramoto, a estátua caiu durante uma dessas procissões anuais e, reza lenda, os terramoto pararam de imediato sem a estátua sofrer qualquer mazela. Após este e outros "milagres", a estátua ficou conhecida como o Senhor Santo Cristo dos Milagres e a devoção à sua imagem cresceu. Séculos mais tarde, a mesma devoção e procissão continuam em Toronto graças em grande parte ao trabalho de Mariano Rego que assegurou uma cópia da estátua para a Igreja de *St. Mary's* em 1966.



Localizada no 130 Bathurst St., num espaço agora chamado *Portugal Square*, *St. Mary's* é a terceira igreja mais antiga de Toronto, cuja construção data de 1852. Em 1958 esta tornou-se na primeira paróquia nacional portuguesa em Toronto e desde então tem sido um centro importante para a comunidade, para além da prática espiritual. Aí, a estátua do Senhor Santo Cristo dos Milagres tem um capela própria de onde continua a sair todos os anos, cinco semanas depois da Páscoa, para ser carregada pelas ruas em volta da igreja, apesar da população circundante ser hoje menos portuguesa do que à décadas atrás. Para além da estátua, a procissão inclui homens trajados com mantas vermelhas, crianças com vestidos adornados com asas de anjo ou uniformes religiosos, bandas filarmónicas, representantes de várias organizações comunitárias, e milhares de espetadores.

A festa do Senhor Santo Cristo constitui uma parte fundamental da cultura açoreana e é uma das manifestações mais visíveis da vida portuguesa no Canadá. Em 1974, por exemplo, cerca de 90,000 pessoas

estiveram presentes na procissão e subsequentes celebrações, vindos de diferentes partes da diáspora açoreana, como as Bermudas, Nova Inglaterra, e várias partes do Ontário. Apesar do número de participantes ter vindo a diminuir ao longo dos anos, a devoção ao Senhor Santo Cristo mantém-se forte e é evidenciada pela imagem de Cristo reproduzida em azulejos em milhares de casas facilmente identificáveis como açoreanas e portuguesas.

York University Libraries, Clara Thomas Archives & Special Collections, Toronto Telegram fonds, F0433, ASC08248

#### 7. AULA DE GINÁSTICA NO CENTRO DE PESSOAS IDOSAS DA CASA SÃO CRISTÓVÃO. FOTÓGRAFO DESCONHECIDO, 1975.

A *Casa São Cristóvão* foi uma das primeiras casas de acolhimento no Canadá e é atualmente um dos centros comunitários e agência de serviços sociais mais antigos na baixa de Toronto. Desde que foi fundada em 1912, no 67 Bellevue Place (mais tarde Wales Ave.), em Kensington Market, a *Casa* tem oferecido serviços a recém-chegados ao Canadá. A partir de meados dos anos 1950, a *Casa* começou a desenvolver programas dedicados aos portugueses residentes na sua área de operação. Ao longo dos anos uma quantidade substancial dos seus clientes, voluntários e empregados têm sido falantes de português. A ligação da *Casa* à comunidade portuguesa foi decisiva na decisão da administração em mudar de local para a área a oeste da Bathurst St. em 1989, seguindo assim o trajeto de vários portugueses que gradualmente começaram a mudar-se para essa zona da cidade e onde na altura existiam poucos serviços disponíveis.

Ao longo dos seus 100 anos de história a *Casa São Cristóvão* teve várias localidades, incluindo o *Centro de Pessoas Idosas* na 761 Queen St. West, antigo espaço da Igreja Unida da Queen Street - onde nos anos 60 se sediava a pequena congregação Protestante portuguesa, liderada pelo missionário Rev. George Vernon Kimball. O Centro dedicava-se aos séniores, na sua maioria portugueses, oferecendo serviços de interpretação, aconselhamento, credenciais, compras, preparação de declaração de impostos, e outros serviços importantes. O Centro oferecia também aulas de Inglês, de cidadania e de orientação de forma a ajudar os emigrantes portugueses mais idosos a ajustarem-se à vida na maior cidade do Canadá. A *Casa* dava bastante importância ao empoderamento individual e coletivo, passando parte das responsabilidades executivas sobre os programas para séniores aos próprios participantes, que se reuniam todos os meses para administrar as atividades do Centro.



Nesta foto a Sra. Olívia ergue-se de entre um grupo de participantes da aula de ginástica *Keep Fit Class*, durante uma demonstração para o Presidente da Câmara de Toronto John Sewell e outros dignatários durante a inauguração do Centro em 1975.

Cortesia da St. Christopher House ©

#### 8. ESTUDANTES LUSO-CANADIANOS NA ESCOLA CATÓLICA ST. VERONICA. FOTÓGRAFO DESCONHECIDO, MAIO, 1975.

Em Toronto, como em outras grandes cidades no Canadá, os jovens de origem portuguesa tem demonstrado ao longo dos anos uma taxa de sucesso escolar inferior à média do país. Em 2011, um estudo do Conselho Escolar do Distrito de Toronto (*Toronto District School Board*) concluiu que 34% dos estudantes de língua portuguesa abandonaram ou foram levados a desistir dos estudos, o que os coloca entre os grupos com a mais baixa taxa de conclusão escolar a nível secundário e universitário. Mais do que uma barreira línguística ou cultural, o baixo sucesso académico entre os jovens portugueses resulta de uma complexa história de marginalização social e económica em ambos os lados do Atlântico. Em Portugal, as pessoas viviam sob a opressão de um regime ditatorial que oferecia acesso limitado ao ensino e à mobilidade social. No Canadá os emigrantes viram-se confrontados com estereótipos discriminatórios; uma sobre-representação em trabalhos manuais; pressões financeiras; a canalização por parte dos professores para o ensino básico ou técnico, em detrimento do ensino académico; a classificação errada de muitos estudantes como tendo Dificuldades na Aprendizagem precisando de Educação Especial (devido, em parte, ao seu bilinguismo português-ingles); e o subfinanciamento das escolas no interior da cidade, levando à falta de meios para involver os pais na educação dos seus filhos. Enquanto que estes problemas afetam a sociedade canadiana na sua generalidade, a comunidade portuguesa tem desenvolvido esforços significativos para os resolver. Estes incluem: a criação nas escolas de associações de pais; a já extinta *Portuguese-Canadian Coalition for Better Education*; programas de acompanhamento escolar e aulas de explicação como *On Your Mark*, coordenado pelo *Working Women Community Centre*; e bolas de estudo oferecidas pela *Federation of Portuguese Canadian Business and Professionals*, associações de estudantes universitários portugueses, sindicatos e clubes comunitários.



Esta foto foi tirada por um fotógrafo da Casa São Cristóvão durante uma visita à Escola Primária Católica St. Veronica, onde a população estudantil era 90% portuguesa. A falta de comunicação e de conhecimento mútuo entre os pais emigrantes portugueses e os sistemas escolares de Toronto foi um dos principais problemas que o *Portuguese West of Bathurst Project* (criado em 1974 pela Casa São Cristóvão) tentou resolver. As assistentes sociais de desenvolvimento comunitário, Isabel de Almeida e Sidney Pratt, reuniram-se com administradores escolares, com centenas de famílias portuguesas na vizinhança, e com os professores para discutir questões levantadas pelos pais dos alunos. As fotos e os vídeos das crianças na sala de aula e no recreio foram mostradas aos pais de forma a informá-los como era o dia a dia numa escola canadiana.

Cortesia da St. Christopher House ©

9. A EQUIPA DE FUTEBOL DO FERMA S.C. NO INÍCIO DE UM JOGO EM TORONTO. FOTO POR SÉRGIO GARCIA, ABRIL, 1977.

O futebol tem sido ao longo dos anos um dos passatempos mais populares e um espaço importante de organização comunitária para os luso-canadianos. Os moradores de Kensington Market recordam-se das multidões de portugueses que se juntavam ao fim de semana no passeio em frente da *Portuguese Bookstore* na esquina da Nassau St. e Bellevue Ave., escutando o relato dos jogos de futebol em Portugal, emitidos nos altifalantes providenciados pela livraria. As equipas de futebol proliferaram em Toronto a partir do momento em que os emigrantes fundaram os seus clubes e associações regionais. A equipa mais popular e bem sucedida foi a do *First Portuguese Canadian Club*, que ganhou a Liga de Futebol Nacional do Canadá no ano em que se inscreveu, em 1969. A equipa repetiu a façanha em 1979 e 1990 (esta seria desmantelada em 1991 devido à falta de recursos financeiros). Alguns destes clubes funcionavam como equipas “satélite” para os grandes clubes em Portugal e eram geridas pelos seus fãs locais, organizados em filiais em Toronto, como a Casa do Benfica (fundada em 1969) e o Vitória de Setúbal Club de Toronto (fundada em 1973), para mencionar apenas os mais antigos.



Algumas das equipas locais eram geridas por empresários portugueses, como era o caso do *Ferma Soccer Club*, associada à Ferma Food Products, empresa de importação de produtos alimentares portugueses em operação desde 1961. Originalmente localizada em Montreal, a firma expandiu-se rapidamente e abriu um escritório em Toronto na década de 70. José Rocha, o dono da Ferma na altura, patrocinou esta equipa, composta essencialmente por emigrantes portugueses, moçambicanos e brasileiros. Para além de providenciar os equipamentos, o Sr. Rocha oferecia também jantares e bailes aos jogadores e às suas famílias, e transportava-os a várias partes do Ontário para disputar encontros de futebol. Competindo nos campeonatos de Toronto e do Ontário, o *Ferma S.C.* e os seus fãs – os familiares dos jogadores e os empregados da empresa – socializavam não só entre si mas também com outras comunidades étnicas na província. A equipa terminou em 1989 quando uma nova administração adquiriu a companhia. O *Ferma S.C.* é um bom exemplo de como as organizações comerciais por vezes funcionavam como associações comunitárias, complicando assim a distinção entre iniciativas com e sem fins lucrativos, uma vez que o Sr. Rocha gastava grande parte dos seus rendimentos no clube de futebol.

Para o deleite dos fãs de futebol em Toronto, algumas das maiores estrelas internacionais portuguesas jogaram na cidade antes de se reformarem, incluindo Matateu com o *First* (1970) e Eusébio com o *Toronto Metros-Croatia* (1976). Alguns descendentes de portugueses em Toronto, como Steven Vitória e Fernando Aguiar, também alcançaram relativo sucesso como jogadores profissionais em Portugal. Aguiar jogou no *Toronto Blizzards* antes da Liga Canadense de Futebol ter sido

desmantelada em 1992. De seguida vestiu a camisola de vários clubes de primeira linha em Portugal. Apesar de ter nascido em Portugal, Aguiar foi chamado a representar a seleção nacional do Canadá em 1995, irónicamente num encontro disputado contra o seu país de origem. Já Vitória, nascido no Canadá, só atraiu a atenção da seleção nacional do seu país de origem depois de ser chamado a representar a seleção portuguesa no Campeonato da Europa de Sub-19 em 2006.

Cortesia de Sérgio Garcia ©

10. O RANCHO DA NAZARÉ NUM EVENTO DE PROMOÇÃO AO TURISMO PORTUGUÊS. FOTO POR DOMINGOS MARQUES, ABRIL, 1979

Os *ranchos folclóricos* têm sido ao longo dos anos uma das expressões culturais mais populares entre os emigrantes portugueses e uma das suas representações étnicas favoritas no Canadá multicultural. Era comum aos pais emigrantes inscreverem os seus filhos no *rancho* da sua associação preferida de forma a incutir-lhes orgulho pela herança cultural portuguesa. Para os pais que queriam evitar a assimilação dos seus descendentes no meio cultural dominante canadense, os *ranchos* eram considerados espaços apropriados para a interação social e para o namoro supervisionado. Apesar de estarem normalmente associados a clubes comunitários, os *ranchos* eram por si só associações culturais, envolvendo reuniões regulares, angariação de fundos, atividades cívicas e sociais diversas.



Fundado em 1958, o *Rancho da Nazaré* foi uma das primeiras organizações criadas pelos emigrantes portugueses em Toronto (e no Canadá). A trupe foi criada por um grupo de recém-chegados, muitos dos quais naturais da vila costeira da Nazaré. Ao longo dos anos o *Rancho* foi albergado por diversas organizações, incluindo o *First Portuguese Canadian Club*, a Casa São Cristóvão, o Clube da Nazaré, e mais recentemente o Clube Português de Mississauga. Entre os momentos mais marcantes da sua longa história conta-se o primeiro lugar no festival de folclore no O'Keefe Centre, em 1964, onde os membros do *rancho* receberam um prémio das mãos do Primeiro Ministro Lester B. Pearson; e ainda uma atuação na inauguração da estátua do navegador português do século XVI, Gaspar Corte-Real, em St. John's, Terra Nova, em 1965.

York University Libraries, Clara Thomas Archives & Special Collections, Domingos Marques fonds, F0573, ASC06677

## II. AS CELEBRAÇÕES DO DIA DE PORTUGAL NO PARQUE TRINITY-BELLWOODS. FOTO POR DOMINGOS MARQUES, JUNHO, 1977.

O feriado nacional do Dia de Portugal é celebrado todos os anos desde 1910 no dia 10 de junho, data em que faleceu o épico poeta português do século XVI, Luís Vaz de Camões. Na década de 60 o *Estado Novo* transformou o feriado numa celebração militarista de propaganda, intitulado "Dia de Camões, de Portugal e da Raça Portuguesa". Foi nessa altura que as comemorações foram introduzidas nas comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo.

As primeiras comemorações do Dia de Portugal em Toronto foram organizadas em 1966 pelo Padre Alberto Cunha, na altura o responsável pela paróquia portuguesa da Igreja Católica de *St. Mary's*, e congregaram vários milhares de pessoas no *Canadian National Exhibition Coliseum* (o atual *Ricoh Coliseum*). Depois deste evento, as celebrações do 10 de junho passaram a ser organizadas por um grupo restrito de elites da comunidade em relação próxima com o Cônsul-Geral de Portugal. O evento anual consistia habitualmente de uma proclamação oficial pelo Presidente da Câmara de Toronto; o hastear oficial da bandeira portuguesa no edifício da Câmara Municipal; discursos de dignatários portugueses e canadianos; uma missa solene; um torneio de futebol; e um cortejo das associações comunitárias pelas ruas da cidade. À medida que o evento se tornou mais popular nos anos 70, estas associações exigiram que fossem incluídas no planeamento das comemorações e procuraram democratizar esse processo, ao qual o comité composto pelas elites tradicionais se opôs.

Após a Revolução dos Cravos de 1974 deu-se uma profunda mudança nas políticas de emigração portuguesa, que agora procuravam uma maior inclusão da diáspora nos assuntos internos e externos da nação. Em 1977, o nome do feriado nacional foi modificado para "Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas", refletindo a preocupação do governo pós-imperial em aproximar-se à diáspora.



Desde 1986, a *Aliança de Clubes e Associações Portuguesas do Ontário* (ACAPO) assumiu a organização do evento em Toronto. A ACAPO foi criada quando várias associações comunitárias se reuniram para comemorar o primeiro aniversário da *Portugal Village Business Improvement Area* e em resposta à crescente necessidade de unir recursos financeiros. Em 1986 foi também oficialmente proclamado o dia 10 de junho como Dia de Portugal pelo governo do Ontário; em 2001, Carl DeFaria, Membro do Parlamento da Província por Mississauga-East, obteu o reconhecimento oficial do mês de junho como o Mês da História e Património Português no Ontário.

As comemorações do Dia de Portugal têm crescido ao longo dos anos e tornaram-se num dos maiores ajuntamentos de portugueses no Canadá. Em Toronto as comemorações incluem um vasto programa de atividades que preenchem todo o mês de Junho, sendo o evento principal o cortejo associativo ao longo da Dundas St. West em direção ao Parque Trinity-Bellwoods. Aí a festa continua no "fosso" (*pit*) durante alguns dias, com

atuações de ranchos folclóricos e concertos de música com artistas do Canadá e Portugal. Em 2013, as atividades normalmente decorrentes no Parque Trinity-Bellwoods Park passaram para o Downsview Park, na zona norte da cidade

York University Libraries, Clara Thomas Archives & Special Collections, Domingos Marques fonds, F0573, ASC06674.

## 12. CORTEJANDO O VOTO DOS PORTUGUESES NAS RUAS DE TORONTO. FOTO POR GILBERTO PRIOSTE, SETEMBRO, 1978.

Ao contrário da noção generalizada de que os emigrantes portugueses no Canadá eram politicamente apatéticos ou mesmo subservientes, a discussão política desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da comunidade de Toronto. Durante os primeiros anos de emigração, e especialmente até ao final do período revolucionário que sucedeu à queda do *Estado Novo* em 1974, os acontecimentos políticos em Portugal ocupavam grande parte da atenção dos emigrantes e influenciou o desenvolvimento de grande parte das suas instituições comunitárias. Ao longo da sua história, os portugueses mobilizaram-se várias vezes em grande número para organizar campanhas de angariação de fundos em apoio a projetos públicos e causas humanitárias nas suas regiões de origem em Portugal. Esta atividade política, no entanto, centrava-se essencialmente em causas temporárias. Os políticos de dentro e de fora da comunidade encontraram dificuldades em mobilizar o voto dos portugueses como um bloco eleitoral coeso e consistente. A participação eleitoral era baixa entre a geração emigrante, que cresceu sob uma ditadura, tinha pouca formação escolar, e conhecimento limitado de Inglês. Esta caracterização da comunidade começou a mudar nos anos 70 à medida que uma nova geração de luso-canadianos, nascidos e/ou criados no Canadá, surgiram na esfera política. Vários assistentes sociais, jornalistas, professores e outros profissionais de ascendência portuguesa desenvolveram uma consciência política observando as difíceis condições de vida das suas famílias imigrantes e dos seus compatriotas de classe operária. Educada nas escolas canadenses, esta geração tinha uma melhor percepção sobre a sociedade em que viviam e vieram a ocupar posições de liderança na comunidade, como ativistas, sindicalistas e políticos. Ao contrário dos seus antecessores, que se combatiam em questões políticas largamente relacionadas com Portugal, estes luso-canadianos preocupavam-se em primeiro lugar com as realidades enfrentadas pelas comunidades portuguesas no Canadá. No entanto, estes jovens ativistas continuavam a manter fortes ligações a Portugal e seguiam de perto a sua vida política, muitos até buscando inspiração no fervor político e nos ideais revolucionários de Portugal pós-ditadura.



As eleições municipais de Toronto em 1978 foram um marco na história da comunidade portuguesa de Toronto, uma vez que foi a primeira vez que um grupo de portugueses se candidatou a um cargo político no governo municipal. Bill Moniz, retratado nesta foto tirada durante a sua campanha na College St., foi um dos cinco luso-canadianos a candidatarem-se ao cargo de vereador pelo Distrito 4 (Trinity-Bellwoods e Little Italy). O aumento súbito de candidatos portugueses em 1978 terá resultado do sentimento de revolta a do grande protesto levado a cabo pela comunidade portuguesa após a morte de Emanuel Jaques no ano anterior. No entanto, esse impulso não continuou até às urnas, uma

vez que nenhum dos candidatos luso-canadianos foi capaz de bater os representantes previamente eleitos. Depois destas eleições, o número de candidatos da comunidade caíu para um ou dois por eleição. Só em 1988, com a vitória de Martin Silva pelo Distrito 4 nas eleições municipais de Toronto, um luso-canadiano assegurou pela primeira vez um cargo político. Desde então, dois outros luso-canadianos foram eleitos para o conselho municipal de Toronto: Mário Silva, eleito pela primeira vez em 1994 (em 2004 tornaria-se o primeiro luso-canadiano a ser eleito Membro do Parlamento na Casa dos Comuns do Canadá); e Ana Bailão, que em 2010 ganhou assento no concelho municipal representando o Distrito 18.

À medida que os portugueses se deslocaram para os subúrbios, o número de candidatos políticos luso-canadianos nessas áreas tem vindo a aumentar, alguns com sucesso eleitoral. Três dos quatro Membros do Parlamento Provincial de ascendência portuguesa eleitos até hoje foram eleitos em Mississauga: Carl DeFaria, eleito pela primeira vez em 1995; Peter Fonseca em 2003; e Charles Sousa em 2007. Todos eles ocuparam posições ministeriais no governo do Ontário. Para além de refletir a expansão geográfica dos luso-canadianos, os sucessos eleitorais destes candidatos sugerem também uma decrescente dependência no voto étnico, uma vez que os portugueses constituem uma minoria nestes distritos eleitorais.

York University Libraries, Clara Thomas Archives & Special Collections, Domingos Marques fonds, F0573, ASC06678.

### 13. FAZENDO VINHO NA CAVE.

FOTO POR GILBERTO PRIOSTE, OUTUBRO, 1978.



A maioria dos emigrantes vieram dos meios rurais em Portugal e estavam acostumados a produzir a sua própria comida. Apesar dos baixos salários e das dificuldades financeiras associadas com o começo de uma nova vida no Canadá, o seu engenho, desembaraço, e disponibilidade para se entreajudarem deu às famílias portuguesas um nível de auto-suficiência que reduziu a sua vulnerabilidade a flutuações de mercado. Tal como outros imigrantes sul-europeus em Toronto, muitos portugueses cultivavam os seus próprios vegetais, salgavam a sua comida, cortavam as suas carnes e produziam o seu vinho.

Nesta foto, o Sr. João Tavares Padeiro prova o mosto espremido na sua prensa na cave de sua casa em Strachan Ave., enquanto as próximas gerações de luso-canadianos assistem. A foto foi publicada num artigo sobre a produção do vinho entre os portugueses no *Comunidade*, um jornal de língua portuguesa produzido em Toronto.

York University Libraries, Clara Thomas Archives & Special Collections, Domingos Marques fonds, F0573, ASC06676.

### 14. ATORES EM PALCO DURANTE UMA PEÇA DE TEATRO NA COMUNIDADE. FOTO POR GILBERTO PRIOSTE, ABRIL, 1979.

A partir dos anos 60 as companhias aéreas Canadian Pacific Air e Transportes Aéreos Portugueses (TAP) começaram a convidar músicos, atores e personalidades da rádio e televisão portugueses para fazerem digressões pelo Canadá, como parte das campanhas de marketing aos seus

vôos a Portugal. Os representantes da TAP no Canadá envolviam-se na vida da comunidade e tornaram-se efetivamente em promotores culturais na América do Norte. Depois da Revolução dos Cravos de 1974, um número alargado de artistas começou a visitar Toronto e a atuar para a comunidade emigrante, incluindo muitos dos poetas, romancistas, e compositores mais ativos na oposição clandestina à ditadura de Salazar-Caetano, tais como Ary dos Santos, Urbano Tavares Rodrigues, José Mário Branco, entre outros. Estas visitas eram habitualmente organizadas e financiadas pelos clubes comunitários. Desde a década de 80, alguns dos músicos mais famosos de Portugal têm visitado Toronto com alguma regularidade, inclusive as vedetas internacionais do fado Amália Rodrigues, Dulce Pontes, e mais recentemente Mariza.



Grupos amadores também contribuíram para manter esta relação cultural com Portugal. Nesta foto, um grupo de atores da companhia de bombeiros voluntários de Cascais representa uma cena da peça de teatro popular "Senhora dos Navegantes", sobre a vida numa aldeia piscatória em Portugal.

York University Libraries, Clara Thomas Archives & Special Collections, Domingos Marques fonds, F0573, ASC06675.

### 15. ALMOÇO NA CASA PRIOSTE.

FOTO POR GILBERTO PRIOSTE, 1980.

Em casa dos emigrantes portugueses, as mulheres eram (e em grande parte continuam a ser) responsáveis pela maioria do trabalho doméstico, o que inclui a confeção de refeições. Nas famílias emigrantes, as mulheres eram habitualmente responsáveis pela manutenção da cultura étnica no lar. A confeção de comida portuguesa era um dos meios através dos quais estas transmitiam a sua cultura aos seus descendentes. Ainda que a "comida étnica" seja hoje bastante celebrada no Canadá multicultural, o seu estatuto nem sempre foi esse. As memórias dos "cozinhados da mãe" são comuns entre descendentes étnicos, que nem sempre os lembram com afeto. A cozinha portuguesa, com a sua dieta de peixe, carne curada, e outros pratos e ingredientes incomuns na dieta típica dos canadianos durante o período pós-guerra, eram por vezes difíceis de engolir pelos jovens luso-canadianos que cresciam numa sociedade que troçava das suas comidas "mal-cheirosas". Neste contexto pré-multicultural, a mesa da refeição era uma fronteira entre as culturas dominante e étnica, onde o bacalhau e as sardinhas da dieta portuguesa eram a última linha de defesa das mães frente à assimilação cultural das suas crianças. Nos anos 50 e 60 as comidas dos imigrantes eram consideradas exóticas e não-canadianas, e eram relegadas para bairros étnicos como Kensington Market. Os hábitos de alimentação dos portugueses eram por vezes motivos para conflito face aos assistentes sociais canadianos que tentavam "re-educar" os imigrantes e moldá-los às práticas da sociedade branca, de classe média, canadiana.



A comida desempenhava ainda um papel central nas reuniões familiares alargadas, especialmente durante ocasiões festivas como o Natal, a Páscoa, casamentos ou batizados. Alguns pratos tradicionais, como o cozido à portuguesa, caldeirada, ou leitão na brasa, que requerem ingredientes caros e são de confecção trabalhosa, serviam também de pretexto para reunir a família e os amigos e assim manter os laços sociais.

Cortesia de Gilberto Prioste ©

16. CLIENTES TOCANDO GUITARRA NO BLUE WALL CAFÉ.  
FOTO POR GILBERTO PRIOSTE, 1980.

A narrativa tradicional sobre a emigração portuguesa para o Canadá tende a salientar os desafios encontrados pela geração "pioneira" e os obstáculos que estes tiveram de superar durante os primeiros anos no país. Enquanto que essa narrativa é por norma triunfante, o seu enfoque nos aspetos mais difíceis da sua experiência (o isolamento, o trabalho árduo, as lesões físicas e emocionais, a discriminação, as saudades de casa e da família, os conflitos inter-generacionais) pintam uma imagem entristecedora dos portugueses no Canadá. Sem dúvida, a maioria dos emigrantes de classe operária encontraram imensas dificuldades no novo país antes das suas situações sócio-económicas melhorarem e a sua identidade cultura ser respeitada pelos anglo-canadianos. No entanto a história da emigração portuguesa para o Canadá está repleta de festividade, arte e ubíqua musicalidade. Mesmo entre os que vieram nos 50 havia quem trouxesse consigo guitarras, acordeões e outros instrumentos tradicionais portugueses, e tocavam os sons da terra para os seus compatriotas. Nesta foto, dois portugueses tocam música casualmente para os seus convivas no Blue Wall Café, na Augusta Ave. em Kensington Market.



A música tem sido uma das formas de expressão artística mais comum entre os luso-canadianos e uma parte essencial da sua vida social, em volta da qual vários eventos comunitários são organizados, incluindo bailes, ranchos folclóricos, concertos, competições de canto e instrução musical

para jovens. Uma minoria significativa dos portugueses que emigraram para Toronto eram músicos em Portugal e continuaram as suas carreiras no Canadá, tais como Mariano Rego, Mano Belmonte, Fátima Ferreira, Nuno Cristo, entre muitos outros. Vários programas de rádio e televisão produzidos por portugueses em Toronto têm promovido artistas da comunidade, alguns dos quais com considerável sucesso no *mainstream* canadiano, como são o caso de Shawn Desman (Fernandes), Danny Fernandes, ou Brian Melo. Outros músicos da comunidade têm feito várias digressões pela diáspora portuguesa e pelos meios rurais em Portugal, de onde a maioria dos emigrantes provém.

A música de Portugal, principalmente o fado, tem recebido em anos recentes atenção considerável por parte de promotores canadianos que têm produzido dramas musicais inspirados na música nacional portuguesa. Uma dessas produções foi a ópera de câmara *Inês*, produzida em 2009 pela companhia canadense *Queens of Pudding Music Theatre*. Esta contava a estória de um jovem refugiado político português, exilado em Toronto nos anos 60, e empregado na construção civil, que se apaixonara por uma cantora de fado local para a disilusão fatal dos seus pais aristocrátas - uma narrativa da emigração portuguesa que é a mutuamente fatalista e musical.

Cortesia de Gilberto Prioste ©

17. TRÊS GERAÇÕES NO TIVOLI BILLIARDS HALL.  
FOTO DE GILBERTO PRIOSTE, 1980.

Os bilhares portugueses eram espaços públicos estritamente reservados aos homens. Aí a masculinidade estava em exposição, com a intensidade física característica dos homens de classe operária, na sua maioria trabalhadores da construção civil, empregados em ocupações perigosas e de elevado esforço físico. Por vezes os homens levavam os filhos aos bilhares, transmitindo assim a sua versão de masculinidade portuguesa entre gerações. Estes eram espaços importantes também para trocarem informação sobre oportunidades de emprego e outras questões práticas.



Os espaços públicos femininos portugueses eram normalmente relegados às áreas ligadas com a paróquia. A ausência de mulheres nos bilhares de Toronto era notável aos olhos da sociedade canadiana, o que correspondia à percepção que muitos anglo-canadianos tinham dos homens sul-europeus, como sendo patriarcais e sexistas. Em 1979, a magazine *The City*, do *Toronto Sunday Star*, publicou um artigo intitulado "Retiro no Novo Mundo - um bilhar português não é lugar para uma mulher". Neste, a repórter Kare Shenfeld escreveu sobre o Tivoli em Kensington Market: "A partir das 9 da manhã as oito cadeiras do bar ao fundo são removidas. Muitos param para tomar o pequeno-almoço antes de irem para o trabalho... Espresso [é] bebido de pequenos copos com carradas de açúcar, e um café normal com açúcar e leite. A este eles chamam "um Canadiano".... A maior parte do tempo eu sou a

única mulher no Tivoli Billiards. Quando entrei tudo parou. Os homens pararam de falar, de beber café, de jogar snooker. 50 pares de olhos escuros olharam para mim. Olhei para baixo e confirmei que não me tinha crescido um par de braços ou de pernas extra. Mesmo depois dos *habitantes* terem aceite a minha presença os novos amigos repreendiam, "um bilhar não é um lugar para uma mulher." Este artigo provocou alguma controvérsia na comunidade luso-canadiana, e uma jornalista/assistente social, Fernanda Gaspar, escreveu uma carta ao *The City*, admoestando a autora do artigo por perpetuar estereótipos sobre estes homens "de pele escura" como sendo chauvinistas, em vez de focar os sucessos dos imigrantes no Canadá.

Cortesia de Gilberto Prioste ©

18. "MULHERES DA LIMPEZA" PORTUGUESAS EM GREVE FRENTE AO FIRST CANADIAN PLACE. FOTÓGRAFO DESCONHECIDO, JUNHO 1984.

Em 1984, as empregadas da limpeza no *First Canadian Place*, o prédio de escritórios mais alto na baixa de Toronto, fizeram greve durante seis semanas. Estas trabalhadoras ganhavam \$5.83 à hora, enquanto que os seus colegas homens ganhavam \$6.97. Elas exigiram ao empregador, *Federated Building Maintenance*, um aumento de salário de cinquenta céntimos por hora durante dois anos. Representadas pelo *Food and Service Workers of Canada*, estas mulheres votaram a favor da greve no dia 3 de junho; duzentas e cinquenta trabalhadoras, noventa por cento delas açorianas, formaram um piquete de greve. Estas trabalhadoras da limpeza já se haviam organizado previamente em 1979, e foram elas que convidaram o sindicato a representá-las. Esta iniciativa, bem como as suas ações durante a greve, exemplificaram a capacidade da mulher portuguesa em lutar pelos seus direitos laborais no Canadá. As empregadas de limpeza portuguesas em outros edifícios da baixa também se sindicalizaram, inclusive na *Toronto-Dominion Centre*. Uma vez que as mulheres portuguesas constituíam a maioria da força de trabalho na indústria da limpeza de edifícios em Toronto, os seus laços étnicos ajudaram à sua organização coletiva entre diferentes locais de trabalho.



O piquete de greve em frente ao *First Canadian Place* foi marcado por demonstrações de solidariedade familiar e étnica, mas também por confrontos físicos entre as grevistas e os fura-greves e a polícia. De facto, a disponibilidade destas para o confronto físico foi notado pela imprensa de Toronto, que se mostrou surpreendida pelas as ações destas mulheres portuguesas. Um repórter do *Toronto Star* declarou: "a greve transformou estas mulheres dóceis, donas de casa e do lar, num grupo amargurado e vociferante dedicado a lutar contra os seus empregadores." Estas "mulheres da limpeza" foram apoiadas por alguns representantes políticos, como Dan Heap, por outros sindicatos, e por grupos de mulheres organizadas no piquete de greve. Após as seis semanas, as grevistas aceitaram a nova oferta do *Federated*, que consistia de um aumento de trinta e cinco céntimos por hora durante o primeiro ano de contrato, e um

aumento adicional de vinte e cinco céntimos no ano seguinte. No entanto, depois de passado esse período e chegada a altura de negociar um novo contrato coléctivo, os donos do edifício lançaram novo concurso e estas trabalhadoras foram obrigadas a aceitar salários mais baixos de modo a manterem o seu emprego com a mesma empresa. A prática de re-lançar contratos de limpeza a concurso regularmente é uma técnica ainda comum nesta indústria que tem mantido os salários das trabalhadoras de limpeza (normalmente imigrantes) baixos.

York University Libraries, Clara Thomas Archives & Special Collections, CAW Local 40 fonds, F0610, ASC7885.

19. JOVENS CELEBRAM VITÓRIA DA SELEÇÃO PORTUGUESA DE FUTEBOL ENQUANTO A *CITY* OBSERVA. FOTO POR EMANUEL DA SILVA, JUNHO II, 2006.

No dia 11 de junho de 2006, as celebrações do Dia de Portugal coincidiram com o 18º Campeonato do Mundo de Futebol da FIFA que se disputou na Alemanha, misturando demonstrações de patriotismo etno-nacional com o entusiasmo exuberante e os apelos tradicionais dos fãs de futebol, num contexto multicultural amigável mas competitivo. Depois de uma vitória apertada de Portugal por 1-0 frente à Angola, as ruas da baixa de Toronto nas áreas de Little Portugal e Little Italy foram invadidas por um mar de vermelho e verde e uma cacofonia de aplausos, cantos, assobios e buzinas. Lideradas por jovens luso-canadianos, mas envolvendo também as gerações mais antigas, estas celebrações espontâneas que jorraram das residências privadas para as ruas, restaurantes e bares desportivos, são exemplos vibrantes de como a solidariedade de grupo por vezes empurra, de forma amistosa, os limites do socialmente aceitável pela cultura dominante, ao mesmo tempo que divulga a "vivacidade" multicultural da cidade



O recente sucesso da seleção nacional masculina de futebol e de alguns jogadores portugueses a nível mundial, têm servido como um foco de mobilização transnacional de orgulho português. Para as segunda e terceira gerações de jovens luso-canadianos, as celebrações ligadas ao futebol têm sido uma forma de afirmar a sua identidade étnica portuguesa, independentemente da sua competência línguística ou investimento cultural, e de se diferenciarem dos seus pares canadianos e outros descendentes de imigrantes.

Cortesia de Emanuel da Silva ©

20. INAUGURAÇÃO DO SINAL CASA DOS AÇORES WAY NA  
ESQUINA DAS RUAS COLLEGE E DUFFERIN.  
FOTO POR ANTÓNIO PEREIRA, MAIO 30, 2009.



Em 2009, as comemorações oficiais do Dia da Região Autónoma dos Açores foram celebradas fora do arquipélago apenas pela segunda vez na sua história. Dado o grande número de emigrantes e descendentes açoreanos em Toronto e no Ontário, a *Casa dos Açores do Ontário* foi escolhida pelo Presidente do governo Regional dos Açores, Carlos César, para reunir os líderes políticos, religiosos e económicos dos Açores e da América do Norte na comemoração do feriado regional.

No dia 30 de maio, as cerimónias incluiram o tradicional serviço de sopa (oferecido a cerca de 5000 pessoas) que marca a Festa do Espírito Santo - um aspeto fundamental da cultura açoreana - e a inauguração de uma placa de rua honorária designando a “*Casa Dos Açores Way*” na College St., entre Dufferin St. e Sheridan Ave., em reconhecimento das contribuições dos açoreanos, e da Casa dos Açores, à cidade de Toronto. Este reconhecimento oficial da presença portuguesa na paisagem urbana da cidade, proposto pela Vereadora Ana Bailão (Distrito 18), coincidiu com a atual localização da Casa dos Açores.

Fundada em 1985, a associação cultural açoreana era originalmente chamada a Casa dos Açores de Toronto. Ao longo da sua história a associação situou-se em diferentes moradas, inclusive o 1082 ½ Queen St. West, o 831A Dundas St. West e o 772A Dundas St. West, até se fixar no seu edifício atual, e mais espaçoso, em 2007. Numa altura em que as associações culturais mais pequenas se encontram em risco de fechar portas devido à perda de membros e o aumento de encargos financeiros, a Casa dos Açores tem sido capaz de expandir os seus serviços à comunidade portuguesa e açoreana e servido de centro para atividades cívicas e culturais de outras associações, como o *Amor da Pátria Community Centre*, o *Operário Sports Club*, o Sport Clube Lusitânia, e a *Federation of Portuguese Canadian Business and Professionals*, que se encontram hospedadas no seu edifício. A Casa oferece também programas semanais a idosos em parceria com o centro Abrigo (uma agência de serviços sociais local); eventos sociais e culturais regulares para participantes de todas as idades; duas escolas de língua portuguesa; um grupo musical de guitarra e folclóre (os Pérolas do Atlântico); uma biblioteca; um gabinete da Rede Integrada de Apoio ao Cidadão, do governo açoreano; tudo isto num edifício com um largo salão, cozinha, e restaurante (Ilhas de Bruma). Este nível de coordenação e envolvimento tem sido possível graças ao apoio local e transnacional dos vários governos e, especialmente, às horas incontáveis de trabalho voluntário que têm feito das associações culturais portuguesas espaços vibrantes de reunião e solidariedade.

Cortesia da Casa dos Açores/ António Pereira ©

Fotos no expositor “**Across the Ocean**”:

“Leaving Portugal” (da esquerda para a direita, no sentido dos ponteiros do relógio)

- Marriage in Azores, nd - F 1405-36, Acc. 21210, file 36-16 MSR 2328 - Archives of Ontario (daqui em diante AO)
- Vista Do Cais de Desembarque, Santa Maria, nd - F 1405-36, Acc. 21210, file 36-02 MSR 0652 - AO
- York University Libraries, Clara Thomas Archives & Special Collections (daqui em diante YU-CTASC), Domingos Marques fonds, F0573.
- Portuguese Coming to Canada, 1957 - F1405-36, Acc. 21210, file 36-09 MSR 1683 - AO

“Coming to Canada” (da esquerda para a direita, no sentido dos ponteiros do relógio)

- Codfishing, Newfoundland, 1947 - F1405-36, Acc. 21210, file 36-24 MSR 4904 - AO
- Roma Napoli, nd - F1405-36, Acc. 21210, file 36-30 MSR 10660 - AO
- Plane Bringing Portuguese Immigrants to Canada, 1957 - F1405-36, Acc. 21210, file 36-16 MSR 2328 - AO
- Canadian Immigration ID Card, 1957 - F1405-36, Acc. 21210, file 36-07 MSR 1680 - AO

“The “Pioneer” Workers” (da esquerda para a direita)

- Fotos 1 e 4, YU-CTASC, David Higgs fonds, F0571.
- BC Railway Work, 1958 - F1405-36, Acc. 21210, file 36-26 MSR 2328 - AO
- Mrs. Duarte work at Factory, 1958 - F1405-36, Acc. 21210, file 36-20 MSR 2332 - AO

“Moving to the City & Bringing the Family” (da esquerda para a direita)

- Portuguese Pioneer in Toronto, 1957 - F1405-36, Acc. 21210, file 36-25 MSR 4905 - AO
- Fotos 2-4 e 5-8, YU-CTASC, Domingos Marques fonds, F0573.
- Foto 5, Portuguese Immigrants Arriving in Toronto, 1957 - F1405-36, Acc. 21210, file 36-02 MSR 0652 - AO

“A Community Emerges” (da esquerda para a direita)

- YU-CTASC, Toronto Telegram fronds, F0433, ASC12869
  - YU-CTASC, Toronto Telegram fronds, F0433.
    - Fotos 3 e 4 cortesia de Gilberto Prioste
    - Foto 5 cortesia de St. Christopher House

Fotos no expositor “**Ethnic Neighbourhoods**”:

Fila de cima

Todos as fotos YU-CTASC, Domingos Marques fonds, F0573

Fila de baixo (da esquerda para a direita)

- Cortesia de Gilberto Prioste
- YU-CTASC, David Higgs fonds, F0571
  - Cortesia da Casa do Alentejo
  - Cortesia da Casa dos Açores
  - Cortesia de Frank Alvarez

Imagens de graffitis, azulejos, vitral, e montra por Emanuel da Silva e Gilberto Fernandes.